

FRAUDE NO SENADO

Ex-líder do governo avalia que seu destino está ligado diretamente ao de senador pefelista

Arruda tenta evitar agressão a ACM

ANA MARIA CAMPOS

BRASÍLIA - O senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) vai à acareação de hoje no Senado tentando evitar agressões a Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e a ex-diretora do Prodasen Regina Borges. Arruda nutre a esperança de que as avaliações públicas que os senadores do Conselho de Ética fizeram até agora sejam, na verdade, fruto de um jogo de cena. "Os senadores não tendem a votar pela cassação. Dos 81, apenas uns 15 são favoráveis à pena máxima", disse, ontem pela manhã, a amigos, adotando, na intimidade, um postura arrogante e confiante.

Sua estratégia está concentrada em não deixar espaço para dúvidas em três pontos importantes de sua versão: a de que teve o aval de ACM para falar com Regina, fez apenas uma "consulta" - não teria dado qualquer ordem para a violação do painel eletrônico do Senado - e não recebeu uma ligação da ex-diretora do Senado, no dia da sessão que cassou Luiz Estevão, com a notícia de que a lista havia sido produzida, conforme ela sustenta.

Arruda avalia que terá de fazer isso na dose certa, sem agressões. Um bate-boca com o senador Antonio Carlos Magalhães pode pôr em risco a sua inclusão em um eventual acerto entre PFL e PMDB. É o que espera. Mas seus próprios assessores advertem que qualquer excesso com a Regina poderá deixá-lo em desvantagem na opinião pública.

Em público, o ex-tucano evita fazer comentários. Diz apenas que está tranqüilo e que está consciente de que não será cassado. Sobre o conteúdo da lista que o deixou na berlinda prefere manter um certo mistério. Em conversas reservadas, entretanto, mostra que pode partir para o ataque: "Se essa lista apare-

cer, muita heroína vai cair", disse ontem a um amigo, deixando escapar que a relação dos senadores que votaram contra a cassação de Luiz Estevão ainda pode aparecer.

A pessoas próximas, Arruda fez na manhã de ontem uma avaliação de que o clima pró-cassação de seu mandato tem sido propagado pelas declarações vibrantes de alguns poucos parlamentares. Mas não refletiria a realidade. Muitos desses senadores, que abertamente defendem a punição máxima, sequer integrariam o Conselho de Ética, primeira instância de definição do seu destino no Senado.

Arruda acredita que o Senado não poderá poupar ACM e mandá-lo sozinho para o sacrifício, já que os dois estão umbilicalmente envolvidos no mesmo escândalo.

Um dos trunfos já utilizados no seu depoimento no Conselho de Ética será mantido em sua defesa. Arruda jogará com o receio de seus colegas quanto à banalização da cassação.

Arruda tem argumentado que no momento está na defensiva, mas outros senadores podem viver situação semelhante no futuro. Na sua ótica, a cassação de seu mandato seria a senha para uma punição severa para outros parlamentares que cometerem qualquer deslize, por menor que seja. Com base nessas análises, Arruda tem dito que ainda não perdeu as esperanças de se manter no cargo. "Não vou renunciar porque acredito que a perda do mandato é uma pena desproporcional a uma falha regimental", afirma a quem lhe pergunta sobre essa alternativa.

Apesar da aparente esperança, ele sabe que seu futuro político depende da acareação de hoje.

Mas diz estar tranqüilo. "Não preciso me preparar para a acareação porque só o que tenho de fazer é contar a verdade", afirma.